



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1477

A ARTE DE SER LOUCO: ANÁLISE DA AUTOBIOGRAFIA EM QUADRINHOS “PARAFUSOS” DE ELLEN FORNEY

Diego Luiz dos Santos
Universidade Estadual do oeste do Paraná

Esta comunicação tem como objetivo apresentar a pesquisa de mestrado, ainda em fase inicial, intitulada “Artista, Louca e Genial: Uma análise da autobiografia em quadrinhos ‘Parafusos’ de Ellen Forney”. A Pesquisa, que se insere na área dos estudos da Psiquiatria e da Loucura, tem como fonte a autobiografia em quadrinhos escrita e desenhada por uma artista norte-americana portadora de uma condição mental popularmente conhecida como Transtorno Bipolar. O livro foi lançado em 2012 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 2014 pela editora Martins Fontes, com tradução de Marcelo Brandão Cipolla. É possível observar na autobiografia uma tentativa da autora de afastar de si o estigma da “louca alienada”, buscando construir-se como uma “Louca Genial”. Além de conter uma descrição, partindo do ponto de vista da própria paciente, das oscilações entre a “mania” e a “depressão”, a obra em questão traz anotações pessoais da autora, como recortes de diários e jornais, reproduções de fotografias e blocos de desenho, o que torna o livro uma importante fonte nos estudos autobiográficos relacionados à história da psiquiatria, principalmente pelo fato de os quadrinhos serem um tipo de mídia pouco utilizado nesta área historiográfica.

Palavras-chave: Quadrinhos; Psiquiatria; Autobiografia

Financiamento: Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Millôr Fernandes dissera uma vez que “a única diferença entre a loucura e a saúde mental é que a primeira é muito mais comum”. Independente do contexto ou objetivo da afirmação do conhecido cronista brasileiro, ela nos remete a uma questão

um tanto incômoda: o que outorga o título de “louco” a uma pessoa?

O objetivo deste texto é apresentar a pesquisa de mestrado intitulada “Artista louca e genial: Uma análise da autobiografia em quadrinhos ‘Parafusos’ de Ellen Forney”. O estudo se baseia em analisar o livro em quadrinhos de uma artista norte-americana que narra suas próprias experiências após ser diagnosticada, aos 30 anos de idade, como sendo portadora de Transtorno Bipolar e então passa a referir a si mesma como “louca”.

A pesquisa, que se iniciou em março de 2015, tem previsão de conclusão e defesa para fevereiro de 2017 e faz parte do projeto “Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura”, coordenado pela professora Dra. Yonissa Marmitt Wadi e é realizada no Laboratório de Práticas Culturais e Identidades da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

O livro a ser analisado trata-se de uma autobiografia em quadrinhos intitulada “Parafusos: Mania, Depressão, Michelangelo e eu”, escrita e desenhada por Ellen Forney. A autora nasceu em Seattle, estado de Washington, em 08 de março de 1968. Formou-se em Psicologia pela *Wesleyan University*, porém atua como quadrinista desde 1992 e ministra cursos de criação de quadrinhos no *Cornish College of the Arts*, em sua cidade natal. Trata-se de uma mulher de classe média-alta, com certa fama em seu país pelo seu trabalho como quadrinista. Inclusive, duas de suas obras, intituladas “*I Love Led Zeppelin*” e “*Monkey Food: The Complete ‘I Was Seven in ‘75’ Collection*” já foram indicadas ao Prêmio Eisner, considerado o maior prêmio das histórias em quadrinhos¹. No ano de 1999, Ellen foi diagnosticada por sua psiquiatra como sendo portadora de Transtorno Bipolar. No livro “Parafusos”, ela narra suas experiências após o diagnóstico e como lidou com a questão, buscando inspiração em diversos artistas, historicamente conhecidos, que foram portadores de algum transtorno. A obra foi lançada nos Estados Unidos no ano de 2012 e esteve entre a lista dos mais vendidos do jornal *New York Times* e foi apontado como “Livro em Quadrinhos do Ano” por alguns jornais e revistas norte-americanos como *Washington Post*, *Time Magazine*,

¹ Informações sobre a autora extraídas da divulgação do livro “Parafusos”, no site “Quadro a Quadro” disponível em <http://quadro-a-quadro.blog.br/parafusos-mania-depressao-michelangelo-e-eu-memorias-em-quadrinhos-de-ellen-forney/> acessado em 10/01/2015.

*Entertainment Weekly e Publishers Weekly*².

“Parafusos” chegou ao Brasil em outubro de 2014 pela editora Martins Fontes e com tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

A pesquisa encontra-se ainda em fase preliminar e sofreu diversas mudanças paradigmáticas, portanto, este texto abordará a trajetória do estudo até este momento. Porém, faz-se necessário contextualizar brevemente de que se trata este transtorno do qual Ellen foi diagnosticada. O Transtorno Afetivo Bipolar é uma condição psiquiátrica caracterizada por alterações de humor de difícil controle que se alternam em episódios de grande euforia e depressão em diferentes graus de intensidade³. Nessas alterações, o humor oscila entre a “Mania” e a “Melancolia/Depressão”, que são termos frequentemente utilizados no que diz respeito ao TAB. De acordo com o psiquiatra Sérgio de Campos,

A melancolia se manifesta com tristeza profunda, limitação da vida ativa e profusão de auto-recriminações ou autocensuras e uma invasão sufocante de culpabilidade, segundo a psicanálise. Em contrapartida, a mania se destaca pela exaltação do humor, com tonalidade de alegria excessiva e incontrolada. (CAMPOS, 2010.)

As relações entre mania e melancolia são documentadas desde a antiguidade, no entanto, a bipolaridade só veio a ser amplamente discutida no século XIX, tendo a descrição de suas características disputada por dois psiquiatras na academia francesa: Baillarger que a denominou de “Loucura de forma dupla” (*folie à double forme*) e J. P. Falret, que em 1850, que apresentou sua teoria à Academia Francesa de Medicina chamando-a “Loucura Circular” (*folie circulaire*) (CAMPOS, 2010, p. 01).

Porém, até o fim do século XIX, “a maioria dos clínicos continuava a considerar a mania e a melancolia como entidades distintas, crônicas e com curso deteriorante”. (DEL PORTO, 2004. p. 04).

A partir de 1889, na Alemanha, ao reunir dados e estudar os diversos estados agudos da doença, Emil Kraepelin passou a descrevê-los recusando a ideia de mania e a melancolia como entidades isoladas (CAMPOS, 2010, p. 02). De acordo com Del

² BERNARDI, Tati. Crítica: Humor encanta em autobiografia da Loucura. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1541397-critica-humor-encanta-em-autobiografia-da-loucura.shtml> acessado em 20/01/2015.

³ Definição pela Associação Brasileira de Transtorno Bipolar. Disponível em <http://www.abtb.org.br/transtorno.php> acessado 15/02/2015.

Porto, os estudos de Kraepelin são tidos até hoje como uma referência. Segundo ele, Kraepelin lançou a semente do que, nos últimos anos, vem sendo chamado de "espectro bipolar" (DEL PORTO, 2004. p. 04).

Sérgio de Campos afirma que o TAB é dividido pela psiquiatria atual em quatro estâncias: Tipo I, Tipo II, Misto e Transtornos Ciclotímicos (CAMPOS, 2010, p. 02-03).

Na *graphic novel*, Ellen Forney afirma ser portadora do TAB Tipo 01. Segundo Sérgio Campos, os sintomas desse tipo consistem em:

Períodos de mania com humor elevado e expansivo, o suficiente para causar prejuízo no trabalho e nas relações sociais. O estado maníaco dura dias ou pelo menos uma semana. O período de depressão pode durar semanas a meses, podendo requerer hospitalização (CAMPOS, 2010, p. 02).

Sendo assim, é possível afirmar que este estudo insere-se a uma área historiográfica conhecida como "História da Loucura e da Psiquiatria". Os estudos relativos a este ramo da História passaram a ser escritos no século XIX e podem ser divididos em três vertentes: Clássica, Revisionista e Cultural.

No artigo "A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil", a socióloga Ana Teresa Venâncio e a historiadora Janis Alessandra Cassilia falam sobre a trajetória da historiografia da loucura no Brasil. De acordo com as autoras, os estudos clássicos (datados a partir do século XIX) eram escritos pelos próprios psiquiatras e "buscavam mapear as origens da psiquiatria, seus personagens ilustres e grandes méritos". (VENÂNCIO et al, 2010, p. 24).

Nas décadas de 60 e 70, influenciados pelos estudos de Michel Foucault, grande parte da historiografia da psiquiatria passa a ter uma característica revisionista, abordando a questão psiquiátrica a partir de uma dimensão mais sociológica. É nesse período que "começam a surgir textos de profissionais do campo psiquiátrico e/ou simpatizantes de transformações assistenciais nesta área, com enfoque no papel mais social dessa especialidade médica". (VENÂNCIO et al, 2010, p. 28)

A terceira corrente dos estudos da psiquiatria consta a partir dos anos 90, quando o tema passou a articular-se a práticas tanto sociais quanto culturais. Nesta vertente historiográfica, o foco de tais estudos deixa de ser o médico e a instituição e passa a ser o paciente ou, como afirmam Cassilia e Venâncio,

O objeto doença mental também se transmuta na possibilidade de compreensão do personagem e sujeito doente mental, enquanto protagonista de sua própria história e, portanto, revelador de uma experiência e vivência sócio-cultural até então pouco explorada analiticamente pelas ciências sociais e pela história. (VENANCIO et all, 2010, p. 26)

Aqui, aquele que outrora fora considerado ilegítimo para falar, sob alegação de falta de coerência em seus dizeres, agora passa a ter voz e sua experiência é levada em conta pelos historiadores.

Esta pesquisa se localiza nesta vertente pelo fato de a própria autora da autobiografia assumir, em sua obra, a alcunha de “louca”. O livro “Parafusos” deve ser levado em conta como uma importante fonte, principalmente por sua abordagem sobre o debate psiquiátrico em uma autobiografia narrada e ilustrada num livro em quadrinhos, um meio midiático de grande circulação e, ainda assim, uma fonte rara na Historiografia da Psiquiatria. Além disso, por se tratar de um relato contemporâneo, este estudo também tem como objetivo atender a uma necessidade, já mencionada por Yonissa Wadi:

Pode-se afirmar também que são poucos os textos sobre a história mais recente da loucura, produzidos por historiadores de profissão. Porém, tais reflexões não o são quando se volta o olhar para a produção de sociólogos, antropólogos e profissionais das diversas ciências ‘psi’ (psicólogos, psiquiatras, psicanalistas) ou ainda para o campo da enfermagem ou do serviço social. (WADI, 2009, p. 70)

Num primeiro olhar da análise, o que o que mais chamava a atenção era a questão de a autora atribuir a si própria o título de artista “louca genial”, tal qual a diversos conhecidos artistas. Essa auto-intitulação fica evidente na página 22 do livro quando, pouco após o diagnóstico, Ellen exclama frases como “Eu era, oficialmente, uma artista louca” (Forney, 2014, p. 22). Além disso, em diversos momentos da obra ela faz alusão a um clube imaginário formado por artistas loucos, chamado “Clube Van Gogh”. Ainda na página 22, ela ilustra um cartão do mesmo clube, contendo o desenho de uma noz, seu nome logo abaixo do nome do clube e o slogan “o verdadeiro artista é o artista louco” (Forney, 2014, p. 22).

Do mesmo modo, em diversos momentos do livro, a autora menciona sua

investigação pessoal acerca de inúmeros autores que foram considerados portadores de algum transtorno psiquiátrico, especialmente o pintor Van Gogh.

Nas páginas 40 e 41, ela reproduz as páginas do livro “Tocados pelo Fogo: A doença maníaco-depressiva e o temperamento artístico” de Kay Redfield Jamison⁴. As páginas ilustradas trazem o título: “Apêndice B: Escritores e Artistas que provavelmente tinham distúrbio Maníaco-Depressivo ou distúrbio de depressão grave” e logo abaixo, uma lista com 23 artistas plásticos, 25 poetas e 23 escritores considerados como sendo portadores de transtornos mentais, dos quais, segundo a legenda indicada, muitos estiveram em algum hospital psiquiátrico e outros tentaram ou cometeram suicídio. Abaixo das listas, uma observação afirmando que a lista no livro de Jamison é mais de duas vezes mais longa que a versão ilustrada por Forney. Enquanto as imagens mostravam o livro, os balões de fala afirmavam as preocupações de Ellen: “Lendo a lista, eu me sentia uma voyeuse⁵. Essas pessoas tinham a vida íntima devassada? Será que eles próprios sabiam?” (FORNEY, 2014. p. 40). Nas páginas seguintes da *graphic novel*, Ellen é retratada lendo o mesmo livro e os balões que indicam seus pensamentos apresentam os seguintes questionamentos:

Afinal, “artista louco” não será apenas um estereótipo? Será que seu humor afetava seu trabalho? Como “eles” sabem que essas pessoas eram loucas? Será que isso era até um elemento necessário para elas brilharem?... Como um super poder? Tínhamos alguma ligação? Temos? Será que uma espécie de aperto de mãos secreto? Se eles não se medicavam, talvez eu também não deva me medicar. Se me tratar, estarei anulando a possibilidade de fazer meus melhores trabalhos? Quem é louco-brilhante e quem é simplesmente louco-louco? Meu Deus, olha todos esses ícones de “suicídio” (FORNEY, 2014. p. 42-43).

Nota-se na transcrição acima que Ellen já atribui a si própria o título de “artista louca”. A frase “Tínhamos alguma ligação? Temos?”, demonstra que a autora se coloca no mesmo patamar que os artistas da lista mencionada, como Van Gogh, Michelangelo e Edvard Munch. Com base nisso e nas considerações do historiador Philippe Artière ao afirmar que “arquivar a própria vida é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1997. p. 03), um dos questionamentos que moviam esta

⁴ JAMISON, K. R. **Touched with Fire**: Maniac-Depressive Illness and the artistic temperament. Nova York: Simon & Shuster, 1993. Uma versão em português foi publicada em 2007 pela editora Pedra da Lua de Lisboa (Portugal).

⁵ De acordo com o dicionário Michaelis, voyeuse é “Feminino de voyeur, pessoa que se entrega à prática do voyeurismo”.

pesquisa pautava-se nas questões relacionadas a “identidade”, ou seja, buscava-se investigar as razões que levaram Ellen Forney a narrar suas experiências após o diagnóstico em uma obra em quadrinhos autobiográfica, afirmando-se como uma “louca criativa”. No entanto, no decorrer da análise e após produtivos debates acerca do tema sua problemática acabou se remodelando e dando lugar a novas perguntas, principalmente acerca da alcunha assumida pela artista ao assumir-se como “louca”. Desse modo, voltamos a questão posta em pauta nas primeiras linhas desse texto: o que outorga o título de louca à Ellen Forney? A própria loucura ou simplesmente o diagnóstico?

Tal questionamento surge pela observação de que na autobiografia não há menção a qualquer resistência ao diagnóstico recebido. Nas primeiras páginas da obra, Ellen afirma que durante uma sessão com sua psiquiatra, ela menciona ter “tendências bipolares”, tal qual sua mãe. Após isso, ambas consultam um exemplar do quarto volume do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)⁶. Entre as páginas 15 e 18 do livro, a autora descreve cada sintoma do TAB contido no DSM e a cada descrição, ilustra nos quadrinhos algum episódio de sua vida relacionado com tal sintoma. Após diversas comparações, nas páginas 19 e 20, a protagonista demonstra assumir, sem qualquer contestação, o diagnóstico que lhe acabara de ser conferido afirmando:

Minha personalidade única e brilhante estava nitidamente delineada naquela pilha inanimada de papel. Minha personalidade refletia um transtorno partilhado por um grupo de pessoas. A ficha caiu como se o sol se escondesse atrás das nuvens. Como se eu fosse um papagaio na gaiola e um cobertor fosse colocado sobre mim. Como um estereograma do olho mágico que revelasse uma imagem clara e refutável em 3D. Você é Louca. (Forney, 2014, p. 20)

É importante mencionar que Ellen já possuía uma formação em psicologia e, como afirma na página 15, já conhecia o DSM. Entretanto, no campo das ciências médicas e humanas, há um recorrente debate a respeito da confiabilidade do Manual. No artigo “Classificando pessoas e suas terminações: A ‘Revolução Terminológica’ do DSM III”, Jane Russo e Ana Venâncio traçam um panorama acerca dos interesses

⁶ A edição consultada trata-se do *American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, quarta edição, texto revisto (Washington, DC: American Psychiatric Association, 2000, p. 362).

envolvidos por trás de cada edição do Manual. De acordo com as autoras, a partir de sua terceira versão, em decorrência de interesses farmacológicos, o DSM traz um alargamento de “possibilidades diagnósticas, com um sistema classificatório que busca dar conta de todas as perturbações possíveis do comportamento humano” (Russo; Venâncio, 2004, p. 475). Ou seja, em decorrência a essa diversa gama de sintomas descritos no Manual, coincidentemente, como na frase de Millôr Fernandes acima mencionada, simples problemas do cotidiano acabam por ser relacionados a transtornos mentais⁷ e desse modo, como afirmam Jane Russo e Ana Venâncio, “(...) Hoje cada um é capaz de encontrar seu próprio transtorno” (Russo; Venâncio, 2004, p. 475).

É importante mencionar que esta pesquisa não se trata de julgar se o diagnóstico de Ellen é verdadeiro ou não, mas de compreender a influência desse diagnóstico em sua vida e conseqüentemente ponderar sobre seu papel numa sociedade que se pode dizer que passa por aquilo que Joel Birman chama de “psiquiatrização” (BIRMAN, 2014, p. 23-37), pois, como afirmam Ana Venâncio e Janis Cassília:

Nos estudos em que a psiquiatria é vista como saber e prática histórico-cultural, a doença mental pode ser compreendida em suas várias representações e possibilidades: como experiência de vida, como expressão de diagnósticos diferenciados de representações de Pessoa e de mundo (VENANCIO et all, 2010, p. 26).

Como fora mencionado anteriormente, esta pesquisa ainda se encontra em uma fase preliminar e por isso ainda carece de uma análise mais detalhada e minuciosa acerca do objeto e de seu contexto histórico, mas, com certeza, tem muito a contribuir para a História da Loucura e da Psiquiatria e, conseqüentemente, para a Historiografia de modo geral. No momento atual, é a partir dos vieses mencionados acima que essa pesquisa se desenvolve. No entanto, é possível (e esperado) que novas perguntas continuem surgindo e norteando os caminhos pelos quais este estudo possa percorrer.

⁷ O manual abordado na obra “Parafusos” trata-se do DSM IV. Russo e Venâncio afirmam que, comparando-se ao volume anterior, observa-se no DSM IV a “inclusão constante de novos diagnósticos ocorrendo paralelamente à produção de novos medicamentos” (Russo; Venâncio, 2004, p. 466).

FONTES

BERNARDI, Tati. **Crítica: Humor encanta em autobiografia da Loucura**. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1541397-critica-humor-encanta-em-autobiografia-da-loucura.shtml> acessado em 20/01/2015.

Crítica da obra “Parafusos: Mania, depressão, Michelangelo e eu” de Ellen Forney, pelo site

“Quadro a Quadro”. Disponível em <http://quadro-a-quadro.blog.br/parafusos-mania-depressao-michelangelo-e-eu-memorias-em-quadrinhos-de-ellen-forney/> acessado em 10/01/2015.

FORNEY, Ellen. **Parafusos: Mania, depressão, Michelangelo e eu – Memórias em quadrinhos de Ellen Forney**. Tradução Marcel Brandão Cipolla. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes. 2014.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Drogas, Performance e Psiquiatrização na Contemporaneidade. In: **Ágora**. V. XVII. Número Especial. P. 23-37. Ago/2014.

CAMPOS, Sérgio. **Considerações acerca do transtorno afetivo bipolar**. [online]. 2010. Disponível em <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/numero3/5.Bipolar%20z.pdf> acessado em 15/05/2015.

DEL PORTO, José Alberto. **Evolução do conceito e controvérsias atuais sobre o transtorno bipolar do humor**. Rev. Bras. Psiquiatria. [online]. 2004, vol.26, suppl.3, pg. 3-6. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000700002>

RUSSO, J. VENÂNCIO, A. Classificando as pessoas e suas perturbações: A “Revolução Terminológica” do DSM III. In: **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, IX, 3, p. 460, 483. Set/2006.

VENÂNCIO, Ana T; Cassilia, Janis A. P. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. Revista **Espaço Plural**. Ano XI . Nº 22. 1º Semestre 2010.

WADI, Y. M. **Uma História da Loucura no Tempo Presente**: os caminhos da assistência e da reforma psiquiátrica no Estado do Paraná. Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, v.1, n.1, p 68-98, jan./jun. 2009.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998.